

ARQUÉTIPOS FEMININOS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS: ENTRE A TRADIÇÃO SIMBÓLICA E A RESSIGNIFICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Simone Cruz Lima¹
Mônica Maria dos Santos²

RESUMO

Este artigo analisa as representações culturais das mulheres na literatura, com ênfase na construção de arquétipos femininos e suas influências históricas e sociais. Partindo de uma análise da personagem Emma Bovary e da teoria junguiana dos arquétipos, discute-se como narrativas literárias, mitos e tradições moldam a identidade e a performance social do feminino. O estudo utiliza metodologia de revisão bibliográfica e análise interpretativa, evidenciando a permanência de estereótipos e a necessidade de ressignificação das representações culturais.

Palavras-chave: Feminino. Arquétipos. Representações culturais.

FEMININE ARCHETYPES AND CULTURAL REPRESENTATIONS: BETWEEN SYMBOLIC TRADITION AND CONTEMPORARY RESIGNIFICATION

ABSTRACT

This article analyzes the cultural representations of women in literature, focusing on the construction of female archetypes and their historical and social influences. Based on an analysis of the character Emma Bovary and Jung's theory of archetypes, it discusses how literary narratives, myths, and traditions shape the identity and social performance of the feminine. The study uses bibliographic review and interpretive analysis, highlighting the persistence of stereotypes and the need to reframe cultural representations.

Keywords: Feminine. Archetypes. Cultural representations.

INTRODUÇÃO

O estudo das representações culturais do feminino, em especial no campo literário, revela-se um instrumento fundamental para compreender como se constroem, ao longo do tempo, imagens simbólicas que moldam identidades e papéis sociais atribuídos às mulheres. A literatura, como expressão artística e cultural, é um espaço privilegiado de análise porque

¹ Especialista em Produção Textual, FAVENI - Faculdade Venda Nova do Imigrante (2021). Graduada em Licenciatura Plena em Letras, UFMT (2019). Email: si.tomnia@gmail.com.

² Doutora em Estudos de Linguagem, UFMT (2024). Coordenadora e docente do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Email: monica.santos@ufmt.br.

registra, de forma explícita ou velada, os ideais, contradições e tensões de cada época. Nesse contexto, a personagem Emma Bovary, criada por Gustave Flaubert em meados do século XIX, torna-se exemplar para observar como discursos patriarcais e valores sociais cristalizam modelos de conduta feminina e balizam os limites da autonomia e da subjetividade da mulher.

A análise dessas representações ganha densidade quando articulada à teoria dos arquétipos de Carl Gustav Jung que evidencia como imagens ancestrais e símbolos coletivos atravessam gerações e permanecem vivos no inconsciente coletivo. Ao identificar a presença de arquétipos como a Grande Mãe, a Santa, a Puta e a Feiticeira, é possível perceber como mitos, contos de fadas e tradições culturais consolidam padrões de feminilidade que, de forma direta ou indireta, condicionam comportamentos, reforçam estigmas e perpetuam desigualdades. Essa perspectiva amplia a compreensão da literatura para além de sua dimensão estética, inscrevendo-a no debate social e político sobre o feminino.

Este artigo provém de uma pesquisa com discussões mais amplas constantes em Lima (2018), na qual analisa-se a representação dos arquétipos femininos no romance “O Filho de Mil Homens”, de Valter Hugo Mãe, buscando compreender como esses modelos simbólicos se manifestam nas personagens e em suas relações. A metodologia adotada nesse artigo fundamenta-se em revisão bibliográfica e análise interpretativa. A investigação parte da leitura crítica do romance *Madame Bovary* (1857), associada às contribuições teóricas de Jung (2008), Boff e Muraro (2010), Estés (1995), Perrot (2017), Campos (2010), Solnit (2017) e Adichie (2017), entre outros. Tal abordagem permite um olhar interdisciplinar, que articula literatura, psicanálise, história e estudos de gênero, destacando a relevância da hermenêutica simbólica e da crítica cultural como ferramentas de análise.

O objetivo central do artigo é analisar como os arquétipos femininos se articulam às representações culturais da mulher na literatura e como tais construções impactam a percepção social do feminino. Mais do que identificar estereótipos, busca-se problematizá-los, apontando a necessidade de resignificação das imagens e narrativas que moldam a experiência das mulheres.

A pertinência do tema se justifica pela atualidade do debate sobre igualdade de gênero, pelo impacto que tais representações exercem na vida cotidiana e pela urgência de promover um olhar crítico que permita superar paradigmas excludentes, fomentando novas possibilidades de representação e emancipação feminina.

AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DAS MULHERES NA LITERATURA

Boa parte das obras literárias representam os costumes e as diversas faces das relações humanas, em especial, as relações entre homens e mulheres à luz da cultura vigente, dando especial destaque à representação do feminino.

Primeiramente, a representação das mulheres foi erguida pela emergência da imprensa, através da literatura - por mediação dos romances - e depois pela pintura e outras manifestações artísticas. As obras influenciaram o imaginário de uma época e de certa forma, ainda influenciam.

A literatura, desde tempos remotos, descreve a cultura e as relações do seu tempo, no cerne dessa descrição encontramos questões relativas ao preconceito exercido sobre o feminino.

Um exemplo bem ilustrativo é o de Emma, personagem do romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert (2011). Ela é uma ávida leitora de romances românticos, tendo sua mente e emoção povoadas por ilusões dentro deste contexto, pois as sensações que a leitura dos romances lhe proporciona contestam com sua realidade. O autor mostra durante a obra a frustração de Emma com relação ao casamento, pois seu ideal de relação é o ditado pelos romances, repletos de amores tórridos e proibidos e muitas aventuras.

Eram só amores, amantes, damas perseguidas que desmaiavam em pavilhões solitários, pontilhões assassinados nas estações de muda, cavalos rebentados em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, soluços, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis no arvoredo, cavaleiros bravos como leões e mansos como cordeiros, virtuosos como já não há, sempre bem postos e chorando como chafarizes (FLAUBERT, 2011, p.117).

Esse romance foi escrito em 1857 e seu autor foi processado por ofender a moral pública, pois, a obra abordava entre outras coisas, o adultério feminino.

Alguns criticam a personagem alegando que é uma abordagem corriqueira de uma traição, onde a malcasada mulher, leva o marido à ruína e depois se suicida, pois se perdeu caçando fantasias guiadas por romances “água com açúcar” (DIEGUEZ, 2010).

Dieguez (2010) menciona que Flaubert faz uma descrição precisa dos devaneios e estado de espírito da personagem com a qual o feminino identifica-se tanto no positivo quanto no negativo.

A personagem transita de um estado de profunda frustração — sentindo-se desiludida, como se nada mais houvesse a aprender ou experimentar (FLAUBERT, 2011, p.120) — para a recusa em aceitar a realidade, acreditando que havia se enganado ao confundir o que pensava ser amor com algo que, na prática, não lhe trouxe a felicidade esperada. Nesse processo, passa

a questionar o verdadeiro sentido de conceitos como felicidade, paixão e êxtase, que lhe pareciam tão belos e intensos nas obras literárias, mas que não encontrava em sua própria vida. Essa visão distorcida da realidade acaba por alimentar um ciclo de insatisfação crônica que, por fim, culmina em seu suicídio.

Emma Bovary contém, a princípio, o “arquétipo da Santa” – moça de família, pura, virgem – e algumas princesas dos contos de fadas, evoluindo para a o “arquétipo da Puta” no desenrolar da narrativa, perpassando sutilmente pelo “arquétipo da mãe”, pois maternidade nunca foi o seu foco.

Madame Bovary abriu a “Caixa de Pandora”³, mas no seu caso, não restou a esperança. Quisera ela ser “Cassandra”⁴ para pelo menos ser desejada por Apolo e viver aventuras. Nossa personagem feminina foi considerada histérica - mas, qual mulher durante sua vida não o foi? - neurótica e até muito má com seu esposo Charles Bovary.

Interessante notar que Emma, aos treze anos de idade, já é influenciada pela literatura e pela cultura, que moldam sua psiquê. Pelo fato de seus desejos não poderem ser realizados, bem como pela sua própria imaturidade, ela é conduzida a uma insatisfação que a leva da depressão à ansiedade – considerada tão normal hoje em dia, pelos seus índices.

A maioria das análises da obra exalta que “[...] por meio de sua personagem, o autor faz críticas a dois aspectos que considera os mais destacados de sua época – o tédio e a estupidez” (DIEGUEZ, 2010, p. 01), deixando de entender que o romance trata mais da dinâmica do feminino que do tédio e da estupidez tão exaltados.

Infelizmente, até hoje, muitos não veem que esse é o modelo masculino criado para o comportamento feminino e não é o real, é sim o ideal masculino forjado nas mulheres como tatuagem, a ferro e fogo. A cultura exalta a beleza inalcançável para a mulher e exalta a versão *femme fatale*, mas ao mesmo tempo estigmatiza a Puta e exalta a Santa.

Emma Bovary, como a maioria das mulheres de sua época, exaltava o masculino, o herói era o homem, ele que detinha o poder, o lazer, a aventura. Emma ousou ter atitudes de macho – infidelidade. O desfecho tipicamente romântico para solução dos problemas dela – e para a manutenção do *status quo* - foi a morte, mesmo porque, se ela não o fizesse, corria o risco de alguém o fazê-lo. Ainda hoje em dia, mata-se “para a defesa da honra”.

³ “Caixa de Pandora” é um mito grego que explica a criação da mulher, suas qualidades e suas fraquezas, tal como todos os males existentes no mundo. A perigosa curiosidade da mulher que abriu o jarro, e assim, soltou todos os males ali presos, que invadiram o mundo, menos a esperança.

⁴ O mito grego de Cassandra, uma das princesas de Troia, filha de Príamo e Hécuba. Segundo as lendas, era uma mulher bonita que foi abençoada com o dom de ver o futuro. No entanto, essa habilidade foi acompanhada por uma maldição: ninguém acreditava nela. (cf.: <https://amenteemaravilhosa.com.br/complexo-de-cassandra/>).

Ponderando esses conceitos, podemos perceber que o papel do feminino vai se desenvolver sempre em função de atravessamentos histórico-sociais, sendo forjado, modelado e alterado conforme o contexto. Então, a identidade e a performance da mulher no meio social não são definidas apenas por aspectos biológicos de gênero, porém determinadas pelo acometimento de ideologias e pela própria cultura.

Entrelaçada aos conceitos e representações culturais da mulher, encontramos algumas teorias psicanalistas que influenciam consideravelmente o julgamento e o entendimento sobre o ser mulher no final do século XIX.

Trataremos, a partir de agora, da teoria dos arquétipos discutida largamente por Carl Gustav Jung.

O FEMININO NOS ARQUÉTIPOS E NAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

A teoria psicanalítica de Sigmund Freud⁵ está sintetizada essencialmente em três publicações: “Interpretação dos Sonhos”, de 1900; “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, que contém os primeiros princípios da Psicanálise; e “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, na qual estão os esboços básicos desta doutrina. Seu trabalho foi responsável pela descoberta do inconsciente, a tentativa de mapeá-lo e de compreender seus mecanismos. Preocupou-se também em analisar o comportamento humano, decifrar a organização da mente e curar doenças carentes de causas orgânicas.

Um de seus seguidores estabeleceu sua própria escola de pensamento. Carl Gustav Jung (1875-1961) começou a Psicologia Analítica que enfatiza o desenvolvimento da personalidade individual do inconsciente coletivo.

Carl Gustav Jung (2008), em seus estudos sobre os arquétipos — entendidos como um conjunto de imagens e símbolos presentes em cada indivíduo, representando aspectos essenciais da personalidade e originados da repetição, ao longo de muitas gerações, de experiências semelhantes, posteriormente armazenadas no inconsciente coletivo — destaca o papel dos mitos como elementos fundamentais para a formação da consciência coletiva. De acordo com Boff e Muraro (2010):

No mito se conserva a sabedoria ancestral da humanidade [...]. São arquétipos que continuamente renovam o seu conteúdo emocional, vindo da mais alta

⁵ Neurologista austríaco (1856-1939).

ancestralidade, em contato com as realidades que nos compete viver pessoal e coletivamente. (BOFF e MURARO, 2010. p.75).

Clarissa Pínkola Estés é analista junguiana, doutora em estudos multiculturais e psicologia clínica. Em seu livro *Mulheres que correm com Lobos – Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*, observa que

[...] ao longo dos séculos, ocorreram a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. Há alguns milênios, sempre que lhe viramos as costas para mulher, ela é renegada às regiões mais podres da psique. As terras espirituais da Mulher Selvagem⁶ durante o curso da história foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros (Os homens) (ESTÉS, 1995, p. 15).

Estés (1995) resgata o histórico feminino para valorização do potencial das mulheres utilizando os arquétipos dentro de histórias que narram mitos, contos de fadas e lendas do folclore.

Existe uma quantidade considerável de arquétipos femininos, faremos alusão a alguns, começando com o arquétipo da “Grande Mãe”, oriundo do matriarcado feminino com lugar de destaque “Representava o sexo sagrado, gerador de vida, suprema divindade”. (BOFF e MURARO, 2010, p.61). De acordo com os autores,

[...] tanto o matriarcado como o patriarcado como instituições narram a hegemonia política das mulheres numa sociedade onde havia produção agrícola e domesticação de animais, isso por volta de 10000 a.C. e onde elas mediavam e solucionavam os conflitos e organizavam as sociedades [...] As instituições do matriarcado, caracterizadas por grande força integradora, foram tão significativas que se transformaram em arquétipos e em valores e, como tais, deixaram incisões na memória genética até os dias de hoje. Esses arquétipos e valores não pairam num imaginário vazio, mas são calcados sobre fatos históricos e políticos que esclarecem a consistência guardada por eles até o presente (BOFF e MURARO, 2010. p. 50-51).

Ainda segundo os autores, o matriarcado finaliza-se por volta de 2.000 a.C. e ainda não se sabe de forma clara os motivos da demora de quase mil anos para o patriarcado, alicerce do machismo e absolutismo cultural masculino, dominar e manter-se até os dias de hoje.

⁶ O termo “selvagem” nesse contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo, de algo fora de controle; mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha integridade inata e limites saudáveis. Pode-se chamar de natureza psicológica, de natureza instintiva ou *Id* ou *Self*.

No patriarcado, o feminino perde o seu valor e começam os padrões de comportamento estereotipados e os arquétipos são utilizados de forma negativa para manipular e influenciar o feminino como o referencial de Eva,

[...] que na cultura patriarcal é a grande sedutora e a fonte de todo mal [...]. Que penetrou no imaginário coletivo da humanidade de forma devastadora como relato antifeminista [...]. O sentido originário objetivava mostrar a unidade homem/mulher e fundamentar a monogamia, mas essa compreensão, que em si deveria evitar a discriminação da mulher, acabou por reforçá-la. A anterioridade de Adão e a formação a partir da sua costela foi interpretada como superioridade masculina (BOFF e MURARO, 2010, p. 90-91).

O mito Eva faz parte do relato original no texto bíblico (Gn. 1, 1-2, 4) e sua narração conforme citado ameaça quatro símbolos básicos do matriarcado. Primeiramente, o próprio ser mulher, cuja representação na cultura matriarcal concebe o sexo sagrado, gerador de vida, simbolizando a suma divindade, a Grande-Mãe.

Os autores prosseguem:

Em segundo lugar, desconstrói-se o símbolo da serpente, considerado o atributo principal do Deus-Mãe. Ela representava a sabedoria divina, que se renovava sempre como a pele da serpente [...]. Em terceiro lugar, desfigura-se a árvore da vida. Ligando como toda árvore o céu e a terra, ela continuamente renova a vida, como fruto melhor da divindade e do universo. O Gênese (3,6) diz explicitamente: “A árvore era boa para se comer, uma alegria para os olhos e desejável para se agir com sabedoria.” (BOFF e MURARO, 2010, p.93).

Em quarto lugar, os autores, referem-se à destruição da relação homem-mulher, para se constituir no sagrado o coração da experiência. Por possibilitar o conhecimento místico e acessar o êxtase, era sagrada a sexualidade.

O ponto chave desse arquétipo tanto para as mulheres como para os homens é que, com isso, surge o casal na substituição do sagrado amor entre o homem e a mulher. Nesta construção, o homem torna-se o chefe e a mulher sofre rebaixamento e passa a ser ridicularizada. Depois disso, uma leitura da sexualidade de forma positiva ficou impossível de ser feita.

Bossuet, citado por Perrot (2017, p. 23) afirma: “Cabe às mulheres lembrarem-se de sua origem; não vangloriar-se de sua delicadeza e pensar, afinal, que têm origem num osso acessório cuja beleza se limita à que Deus houve por bem lhe conferir”.

Outro arquétipo importante é o da Santa, que costuma ser representado pela Virgem Maria. Divindade católica, pura, imaculada – na versão patriarcal: “O sexo das mulheres deve ser

protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade. Principalmente pelo cristianismo, que faz da castidade e do celibato um estado superior” (PERROT, 2017, p. 64).

Campos (2010) explanando sobre as possíveis raízes do processo histórico de subalternização das mulheres nas sociedades patriarcais, processo esse que parece ser assegurado pelo controle da sexualidade feminina afirma:

Diante do estado de disponibilidade fisiológica feminina constante (que permite que ela possa copular infinitas vezes, bastando que haja um macho que dentro de sua limitação fisiológica, já que a cópula não prescinde da ereção que é um momento de exceção e não um estado natural do homem, esteja apto e disponível) e do forte poder da sedução visual exercida pelas mulheres sobre os homens, restava a estes cobri-las, trancafiá-las, privá-las da obtenção de conhecimento - o que possibilitaria as mesmas saberem os motivos de sua opressão, ou seja, a superioridade feminina acreditada pelos homens e alardeada como inferioridade - e negá-las o gozo pleno da vida. Apenas assim, ao menos, poderiam ter certeza que as crianças nascidas de uma determinada mulher eram seus filhos e que as mesmas não ameaçariam esta certeza exercendo o poder de sedução sobre outros homens (CAMPOS, 2010, p. 65).

Esse arquétipo engessou a sexualidade feminina, pois com isso

[...] a virgindade da moça é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. E a violação constituía um rito de iniciação masculina tolerado na Idade Média. Uma vez deflorada a moça, era considerada desonrada e pagava um preço caro por isso. Tornava-se para sempre suspeita de ser uma mulher fácil e até às vezes, condenada à prostituição (PERROT, 2017, p. 46).

A Puta que polariza com a Santa e faz a quebra da integração do feminino num processo a “lá Cecília Meireles - Ou isto, ou aquilo” (grifo meu), mas não com final questionador, plural, e sim definitivo e único.

O arquétipo da Puta carrega um estigma altamente negativo e rejeitado pela sociedade, mas sua manutenção tem enormes interesses socioeconômicos. Laffey relata que

[...] embora inferior ao homem, a mulher era honrada quando identificada com o homem adequado – nas qualidades de filha, esposa ou mãe. Por outro lado, a mulher se desonrava quando tivesse relações sexuais com outro homem que não seu marido (p. ex. Gn. 38). A mulher que tivesse relações sexuais antes do matrimônio era tida como manchada (p. ex. Lv. 21,14; cf. Dt. 22,23 – 24). Nos textos bíblicos fora do Pentateuco esse tema vai adquirir força cada vez maior. (LAFHEY, 1994, p. 23).

Temos também o arquétipo da Feiticeira que teve seu auge na Idade Média, quando mulheres foram queimadas em fogueiras acusadas de feitiçaria. Houve uma onda de repressão. “As feiticeiras aparecem como bode expiatório da modernidade. Na condenação das feiticeiras, a dimensão erótica é essencial. Elas encarnam a desordem dos sentidos, a “parte maldita” (George Bataille) numa sociedade que ordena os corpos”. (PERROT, 2017. p. 87).

Segundo Perrot (2017), o fato de serem mulheres e conhecerem além do que lhes era permitido, como benzer e curar as fizeram sofrer perseguições, eram acusadas de feitiçaria e ainda de práticas subversivas em relação à sexualidade.

Tinham a crença que elas poderiam enfeitiçar os corpos a serviço do Diabo e isto fazia oposição a fé cristã e católica. Nunca foram considerados os seus saberes e nunca se admitiu que estas mulheres pudessem exercer a medicina.

Perrot (2017) relata ainda que mais uma vez apresenta-se o silenciamento e reforça-se o caráter de inferioridade da mulher. Tudo e qualquer expressão feminina que contrarie a dominação do homem, da igreja e da razão disso era compreendida como o mal a ser combatido, preferencialmente, queimado. De acordo com Campos,

[...] foi no fogo inquisitorial da Igreja Católica que arderam milhares de mulheres consideradas “bruxas”. Mesmo nas Revoluções Iluministas do século XVIII, os valores de igualdade e de liberdade não alcançavam as mulheres, e nos movimentos de reforma religiosa, o puritanismo exacerbado, onde a propriedade e o direito de tê-la e mantê-la era considerado um dos direitos fundamentais do ser humano, endossava a necessidade de controle e opressão sobre a condição feminina. (grifos do autor) (CAMPOS, 2010.p. 68).

Ainda é possível também citar alguns referenciais, de Deusas mitológicas e Mitos femininos – como o mito grego, de Cassandra - profetisa que se nega a dormir com o deus Apolo e sofre a maldição de que ninguém acreditará nas suas previsões. É com base nele que Solnit (2017) aborda como a “Síndrome de Cassandra” plasmou a falta de credibilidade na mulher e, como credibilidade é um poder fundamental, somos carentes dele:

Não é nada incomum, quando uma mulher diz algo que contesta um homem, em especial um homem poderoso ou muito proeminente na sociedade, a reação dele é questionar a sua capacidade de falar e seu direito de falar. Gerações de mulheres já foram chamadas de delirantes, confusas, manipuladoras [...] seria isso a Síndrome de Cassandra (SOLNIT, 2017. p.135).

A Síndrome de Cassandra inclui “a histérica” – herança maldita de Freud (1895/1969). Solnit (2017) lembra-nos que a palavra, o adjetivo, é sempre utilizado com flexão de gênero: “Histérica”.

Outro exemplo de mito é o da Caixa de Pandora – Mitologia Grega. Os deuses criaram uma mulher a qual deram o nome de Pandora:

Era uma mulher bela, sedutora e versada nas artes do galanteio. Todavia, os deuses lhe confiaram uma caixa onde guardaram todos os males do mundo. A mulher, naturalmente “insensata”, abriu a caixa e a tragédia derramou-se sobre a humanidade. Fica claro que a caixa de Pandora é a sexualidade feminina, essa que pode provocar os maiores infortúnios para a humanidade, levando-a ao caos e ao fim. Por ser a mulher “fraca” de caráter, sendo sedutora e aquiescendo aos apelos da carne, a caixa será aberta. Portanto é preciso que os homens controlem as mulheres para que a caixa se mantenha fechada, e assim, com a sexualidade feminina agrilhoadada, evita-se que “todos” os males do mundo caiam sobre os “homens”. (grifos do autor) (CAMPOS, 2010, p.67).

Nesse mito, Solnit destaca que o comum é a perigosa curiosidade feminina que fez abrir a caixa dada pelos deuses e, assim, soltar todos os males contidos nela, que invadiram o mundo. Quase sempre, a ênfase incide sobre o que permaneceu na caixa, que foi a esperança.

Mas, o que me interessa neste momento é que, tais como os gênios árabes, as forças que Pandora deixou sair não voltam nunca mais para a caixa. Adão e Eva comeram o fruto da Árvore do Conhecimento e nunca mais voltaram a ser ignorantes. (Algumas culturas antigas agradeciam a Eva por nos tornar plenamente humanos e conscientes.) (SOLNIT, 2017. p.179).

Ainda de acordo com Solnit (2017), esse é um espório de referência muito positivo para o feminino, mostrando que o que não entra mais na caixa são as ideias que excluía. Não se pode acabar de forma fácil com a opinião de que as mulheres têm certos direitos que não podem ser cedidos. Não tem mais como voltar atrás, nós já nos damos o direito de fala e de conhecer e explorar a nossa sexualidade.

Os arquétipos estão nos personagens de Contos de Fadas e, na antiguidade, as personagens tinham uma função que ao decorrer da história foi sendo manipulada e modificada. As histórias eram um processo de autoconhecimento, crítica e autocrítica com linguagem simbólica, providas de metáforas e metonímias, entre outras figuras de linguagem que ensinam por meio de desdobramentos. Jung (2008) ao abordar os símbolos oníricos, cita um trecho de Cinderela,

[...] quando a madrasta jogou à sua frente um monte de ervilhas para que as catasse. Apesar da tarefa desanimadora, Cinderela pôs-se pacientemente a recolher as ervilhas até que de repente, pombas (ou formigas, em algumas versões) vieram ajudá-la. São animais que simbolizam os impulsos construtivos que vêm do fundo do inconsciente, só percebidos de uma maneira orgânica, e que nos mostram o caminho a seguir (JUNG, 2008. p. 232-233).

Infelizmente, difundiram só a dinâmica das princesas, no seu pior aspecto, e meninas, desde muito tempo, são estimuladas com esse arquétipo.

Adichie (2017) em seu Manifesto – *Para Educar Crianças Feministas*, nos alerta quanto a importância de questionar a linguagem.

A linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos. Mas, para isso, temos que questionar nossa própria linguagem. E novamente, sugere como exemplo: “princesa” vem carregado de pressupostos sobre fragilidade, sobre o príncipe que virá salvá-la, etc. (ADICHIE, 2017, p.35)

Sabemos que, na atualidade, é a mulher que é “o chefe” da família, que provém financeiramente e educa os filhos assumindo assim, mais a imagem de guerreira do que de princesa.

Em síntese, os arquétipos e mitos que atravessam a cultura ocidental revelam-se como instrumentos simbólicos de poder que tanto conferem identidade quanto impõem limites à vivência feminina. Do matriarcado ancestral às narrativas patriarcais que moldaram figuras como Eva, Pandora ou a Virgem Maria, observa-se uma dinâmica de constante oscilação entre valorização e repressão do feminino. A permanência de tais imagens, atualizadas em diferentes contextos históricos, demonstra como a literatura, a religião e a tradição simbólica funcionam como veículos de reprodução de estigmas, mas também oferecem brechas para resistência, questionamento e resignificação. Cabe, portanto, compreender esses arquétipos não como verdades imutáveis, mas como construções culturais que podem — e devem — ser revisitadas e reinterpretadas à luz das demandas contemporâneas por igualdade e pluralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida neste artigo evidencia que as representações culturais do feminino, especialmente quando observadas por meio da literatura e da simbologia arquetípica, permanecem marcadas por dualidades que oscilam entre idealização e estigmatização. Personagens como Emma Bovary e figuras simbólicas como Eva, Pandora ou a Feiticeira

exemplificam como o imaginário coletivo impõe às mulheres papéis contraditórios, frequentemente restritivos, que dificultam o exercício pleno de sua subjetividade e autonomia. Ao mesmo tempo, a análise mostra que esses mesmos arquétipos carregam potencial de ressignificação, permitindo a emergência de novas leituras e perspectivas.

O objetivo proposto pelo estudo — analisar como se articulam as representações culturais da mulher na literatura e nos arquétipos — foi alcançado ao demonstrar que tais imagens não são neutras, mas produtos históricos, sociais e ideológicos que incidem diretamente na vida das mulheres. Com isso, reafirma-se a importância de questionar os discursos cristalizados e promover leituras críticas que abram espaço para representações mais plurais e emancipadoras. O diálogo com autores como Jung (2008), Estés (1995), Perrot (2017), Solnit (2017), Adichie, Boff e Muraro (2010) possibilitou ampliar a compreensão do fenômeno, evidenciando tanto suas raízes históricas quanto suas implicações contemporâneas.

Para pesquisas futuras, sugere-se aprofundar a análise de arquétipos femininos em obras literárias de diferentes períodos e culturas, explorando como a literatura contemporânea tem revisitado e reinventado tais imagens. Além disso, torna-se pertinente investigar a recepção dessas representações por diferentes públicos, bem como suas repercussões na formação de identidades femininas nas mídias digitais e audiovisuais. Ampliar o debate sobre os arquétipos e suas ressignificações é um passo necessário para promover uma cultura que reconheça a diversidade de experiências femininas e valorize sua potência criativa, política e transformadora.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino** – Uma Nova Consciência para o Encontro das Diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAMPOS, Andrea Almeida. As Bruxas Retornam... Cacem as Bruxas! (Um Argumento Para o Controle Histórico da Sexualidade Feminina). **Revista Espaço Acadêmico**, 104. 2010. Disponível em:
<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9151>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

DIEGUEZ, Sebastian. **Emma Bovary e a Realidade Paralela**. 2010. Disponível em:
<http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/emma_bovary_e_a_realidade_paralela.html> . Acesso em: 31 jan. 2019.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que Correm com os Lobos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos, parte 1. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1972. v. 4, p.20, 69 e 137.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da vida cotidiana. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1901, v. 6.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1972. v. 7, p.202.

JUNG, Carl G. **O Homem e os Seus Símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LAFHEY, Alice L. **Introdução ao Antigo Testamento: perspectiva feminista**. São Paulo: Paulus, 1994.

LIMA, Simone Cruz. **A representação dos arquétipos femininos no texto literário: uma análise do romance “O Filho de Mil Homens”, de Valter Hugo Mãe**. 2018. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras - Português e Literaturas - Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças- MT, 2018.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOLNIT, Rebecca. **Os Homens Explicam Tudo Para Mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.